A Compadecida no Juazeiro do Norte: performance de imagens bíblicas e emoções entre os Ave de Jesus

Roberta Bivar C. Campos
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Pernambuco

campos@hotlink.com.br

Resumo

Este artigo explora a performance e ritualização de imagens bíblicas, na comunidade de penitentes "Ave de Jesus", associadas a sentimentos morais, tais como: amor, misericórdia, sofrimento e caridade. O principal objetivo é compreender os significados e papel das emoções no modo de vida desses penitentes.

Palavras-chaves

emoção, imagens bíblicas, performance.

Abstract

This article explores the performance of bible images by a group of penitents called the "Ave de Jesus". The main objective is to drawn upon the importance of moral sentiments such as love, charity and suffering as a key for the understanding of their way of life.

Keywords

Emotion, biblical images, performance.

A Compadecida no Juazeiro do Norte: performance de imagens bíblicas e emoções entre os Ave de Jesus

Roberta Bivar C. Campos

Apesar de inúmeros estudos sobre Juazeiro do Norte e devoção ao Padre Cícero já realizados (Della Cava 1970; Anderson 1970; Paz 1988; Pereira de Queiroz 1965; Slater 1986; Barros, 1988), a falta de estudos sobre os grupos de penitentes é marcante (v. Negrão 2000). Mais do que a falta de estudos sobre os grupos de penitentes no Juazeiro do Norte, eu saliento a ausência sobre a questão da emoção nos inúmeros estudos já realizados no Juazeiro.[1] Este fato chama atenção uma vez que o sofrimento, a misericórdia, o pesar, o compadecimento é parte fundamental da vida social e cultural do Juazeiro.

De fato, a emoção tem um importante destaque em um cenário em que o sofrimento físico é a forma mais comum de expressão da religiosidade local. Juazeiro recebe todos aqueles que vem para chorar, se consolar, se compadecer e serem misericordiosos. É a manifestação desses sentimentos morais, a compaixão e a misericórdia, que é tomada pelos romeiros como evidência da natureza sagrada do Juazeiro. Nas palavras dos próprios romeiros, "Deus fez, aqui (Juazeiro), a sua morada". O espaço ocupado pelo sofrimento e compaixão é marcante no cotidiano da cidade do Juazeiro; seja na aridez da geografia vizinha à Juazeiro, seja na presença acentuada de mendicantes, de beatos e romeiros, das velas acessas, das promessas cumpridas e lembradas através dos causos contados durante todo o ano. Ao chegarem no Juazeiro, os romeiros e demais visitantes transformam-se em espectadores e testemunhas do sofrimento de outros penitentes. Os ex-votos coletados e guardados numa espécie de santuário parecem, de alguma maneira, encapsular cada história particular de devoção e compaixão. Uma vez em Juazeiro do Norte, vamos ver

romeiros pobres, que mal tiveram o que comer na longa jornada, dar esmolas a penitentes e mendigos comuns. Vamos ver comunidades de penitentes oferecerem uma refeição, uma rede para se passar a noite àqueles que não têm condições de pagar por tais confortos. É, assim, que uma rede de fraternidade, compaixão e compadecimento parece se realizar através de cada ato de gentileza e hospitalidade no Juazeiro do Norte (Campos 2001).

No livro *Social Suffering* (1997), Kleinman, A. Das, V. & Lock, M. argumentam que o sofrimento é uma experiência social. Uma vez que o sofrimento ganha significado através de representações culturais, ele é ao mesmo tempo performance e representação da realidade. Portanto, o modo como o sofrimento é descrito nos leva a uma forma particular de como ele é vivenciado. O argumento dos autores é de que há diferentes formas de apropriação cultural do sofrimento. Aceito isto, afirmam os autores que os aspectos performativos da língua expressos localmente (diferenças de expressões por gênero, grupos etários, classe, etnia e etc.) têm um importante papel na própria experiência do sofrimento.

É com o intuito de melhor compreender a experiência do sofrimento e seu significado moral e social para os Ave de Jesus, um grupo de penitentes do Juazeiro do Norte[3], que estarei aqui desenvolvendo algumas idéias a respeito de performance de imagens bíblicas e sofrimento. Saliento, ainda, que quando falo de emoção, no Juazeiro, tenho em mente os sentimentos morais e a experiência estética das imagens bíblicas[4] que expressam, representam e exemplificam tais sentimentos. Ressalto, também, que uma das características marcantes do "catolicismo sertanejo" é a ênfase na Bíblia. Tal característica é tão forte que alguns autores encontram, aí, semelhança com o pentecostalismo (ver Velho 1995). De fato, podemos encontrar em muitas manifestações do "catolicismo sertanejo" um acentuado ascetismo. Entretanto, eu entendo que, diferentemente dos pentecostais que privilegiam a palavra, a vivência da Bíblia entre os sertanejos se realiza principalmente através da ritualização de imagens bíblicas. A performance do sofrimento enquanto *mimesis* da crucificação pode ser assistida, nos quatro cantos de Juazeiro, através da penitência, das vestimentas e sofrimento social que penitentes, romeiros, pedintes, i.e., que toda a comunidade formada pelos devotos de Padrinho Cícero representa. A importância da performance e ritualização de imagens torna-se evidente na fala de mestre José Ave de Jesus: "Esse globo terrestre só tem movimento com a força e poder da divindade. Não é dizer. É ser e representar O Que É".

Ao mesmo tempo em que aponto para a experiência estética dessas imagens como fundamental na produção da plausibilidade e na fundação do ascetismo entre os 'Ave de Jesus', estarei aqui, no espaço deste artigo, explorando o papel das emoções e sentimentos na organização da realidade social desses penitentes. A principal questão está em como os eventos bíblicos e imagens de sofrimento influenciam o modo de vida dos Ave de Jesus. Ou seja, qual é o papel social das emoções e suas relações com o código moral desses penitentes? Como eles experimentam as imagens religiosas?

"Agradece a Deus a tua fome, a tua sede e a tua dor" - *A "etnopsicologia" dos Ave de Jesus*

"Nós somos os sofridos", disse-me uma das pessoas mais doces que eu jamais encontrei em minha vida, Maria Ave de Jesus. Comadre Valdenice é uma entre outras Marias Ave de Jesus[5]. Ela já não caminha mais. Sofreu um acidente alguns anos atrás, enquanto fazia as tarefas domésticas, que lhe resultou na fratura do osso da pélvis. Os Ave de Jesus não se utilizam dos serviços médicos oficiais, e, assim, comadre Valdenice passou por todo o sofrimento e dor causados pela fratura e inflamação decorrente utilizando apenas ervas medicinais. Tudo isso sem queixas ou descontentamento e com a firme convicção de que se deve viver dentro das normas e conhecimentos tradicionais e rejeitar tudo aquilo que venha do progresso como, por exemplo, a medicina oficial.

Se alguém a pergunta "Como vai comadre?" Ela responde de imediato *"Eu vou muito bem, minha filha (meu filho), graças a Deus"*. Não se ouvirá queixas. Comadre Valdenice passa as tardes sentada à janela, conversando e dando conselhos a irmãos da comunidade Ave de Jesus, vizinhos e estranhos. É só na hora do Angelus que seu marido a carrega em seus braços para o quarto; quando, então, ela fará as suas rezas antes de dormir como todos os Ave de Jesus.

Os Ave de Jesus dizem viver 'divididos' do mundo. A ênfase na separação do mundo é recorrente em suas falas. Chamou-me atenção o uso de sinais e imagens de sofrimento, que os Ave de Jesus fazem para marcar a separação que dizem ter do mundo. Não apenas o uso das imagens, mas também o cuidado estético envolvido nessas atividades simbólicas chamam a atenção. O nome, as cores e o corpo são freqüentemente usados e manipulados para comunicar a separação do mundo. Mais que isso, e, talvez, mais importante, é que os nomes, as cores de suas vestimentas (azul e branco, as cores de Maria) e o

corpo não apenas marcam fronteiras com o mundo exterior e afirmam suas identidades sociais, mas, principalmente, expressam emoções de conteúdo altamente moral, tais como o pesar, a misericórdia e a compaixão. Entendo que a experiência da lamentação, do pesar, do luto é parte central da forma como os Ave de Jesus concebem a si mesmo no mundo.

A Bíblia, os causos, os benditos, além de serem gêneros narrativos de forma e conteúdo estéticos, funcionam como modelos de conduta. Este fato me leva à distinção entre regras de conduta e 'modos de ser' feita por Foucault (1987). O modo pelo qual as pessoas aprendem a agir de acordo com regras e valores serviu a Foucault (1987, p.25) como uma importante distinção entre regras de conduta e modos de ser (subjetivação e práticas do *self*). Como Foucault salienta, algumas sociedades enfatizam as instâncias de autoridade e poder que reforçam o código moral e as normas sociais, outras enfatizam as técnicas através das quais o sujeito aprimora o *self* e que possibilitam a transformação do modo de ser no mundo. Em outras palavras, algumas sociedades se preocupam como forçar os indivíduos a seguir regras; outras, com o modo de ser dos indivíduos no mundo. Entendo que os Ave de Jesus mais do que seguir os Dez Mandamentos, aprendem a ser piedosos, caridosos e sofredores. As imagens bíblicas associadas a tais emoções são constantemente produzidas e reproduzidas através dos causos, benditos e da prática da mendicância. O aperfeiçoamento do eu, entre os Ave de Jesus, se reveste de uma preocupação que é, há um só tempo, estética e moral.

Os rituais são certamente o meio pelo qual exercem práticas de subjetivação. Além de saírem em romaria para a igreja Nossa Senhora das Dores todos os domingos, quando carregam consigo bandeirinhas onde se vê escritas as iniciais P.P.P para 'pilidrino, pedinte e pidão',[6] os Ave de Jesus saem diariamente para mendicância. A mendicância é entendida como uma missão religiosa, uma forma de levar a palavra de Jesus aos pecadores e é revestida do mesmos cuidados que as práticas ritualísticas. Tal qual num ritual, na mendicância são observados cuidados estéticos, e, curiosamente, quando mendigam, os Ave de Jesus quase não falam. Costumam apenas dizer "Jesus seja louvado" e aqueles que oferecem a esmola dizem: "Que as dores de Nossa Senhora para sempre sejam lembradas." O cuidado estético com a roupa, com a linguagem, com o tipo de material dos utensílio domésticos e daqueles em que guardam as esmolas está diretamente relacionado com a produção de sinais que evocam imagens bíblicas.

Grande parte dos devotos de Padre Cícero e penitentes do Juazeiro são analfabetos ou semi-analfabetos. Entretanto, a Bíblia é de grande importância em suas vidas. Como já salientei no início deste artigo, a presença da Bíblia é tão forte entre os católicos sertanejos que alguns autores vêm aí forte semelhança com os pentecostais. Mas como tenho argumentado, a Bíblia parece ser, entre os sertanejos, vivenciada ritualisticamente. Esta ritualização se realiza, entre os Ave de Jesus, através da mendicância, das cores de suas vestimentas, do canto dos benditos e das narrativas dos 'causos'[7] e eventos bíblicos. Se acaso é a falta do conhecimento da leitura e escrita que faz com que os católicos sertanejos reproduzam suas crenças através da ritualização de imagens bíblicas, não se pode saber. Contudo, entre as culturas não letradas existe uma forte valorização da experiência e é esta a principal fonte de elaboração do conhecimento. E, certamente as emoções – entre estas, a experiência afetiva promovida pela estética – têm papel fundamental.

O belo, a verdade e o corpo que sofre

Como já afirmei anteriormente, a prática da mendicância, entre os Ave de Jesus, é entendida como uma forma de pregar a palavra do Senhor. Claramente o que é importante para os Ave de Jesus é exemplificar[8] o sofrimento. Eles acreditam que ao fornecerem um exemplo da vida de Jesus, através da performance da deprivação e humilhação, eles estão, de alguma forma, pregando as crenças cristãs que são fundadas no amor e na caridade. Como disse Mestre José,

> Penitente... nós somos pilidrinos para fazer aquela penitência... para aqueles que estiverem em suas casas ouvir as palavras de Deus. Eles estão lá em suas casa sem ouvir a Deus. A Roça da Mãe de Deus[9] é a Igreja da Devoção. Uma prece, um pedido é feito para a Mãe de Deus e uma graça é concedida.

O corpo é para os Ave de Jesus uma espécie de amostra de todo um complexo de moral religiosa e de sentimentos; e o sofrimento, por sua vez, é corporificado, dramatizado, performado. Ao lado das técnicas de sofrimento – penitências – tem-se a forma de vestir, falar, cantar e o controle da risada (gargalhada). É interessante salientar que tanto Mestre José como sua esposa, comadre Regina, são fisicamente deformados por um problema grave de coluna e, além disso, aparentam ser bem idosos.[10] O sofrimento parece imprimir neste

casal uma alta condição moral. Muitas vezes comadre Valdenice querendo enfatizar o respeito e consideração que tem por Mestre José, me diria: "Compadre José é um sofredor".

De fato, eu pude observar que os Ave de Jesus são respeitados por boa parte da população do Juazeiro e especialmente pelos romeiros. O respeito é derivado da imagem de sofrimento evocada pelos Ave de Jesus, como a fala de comadre Valdenice, acima, atesta em relação a mestre José. Palavras como sofridos e caridosos aparecem com bastante freqüência nas falas de romeiros sobre os Ave de Jesus. Uma romeira, por exemplo, me disse que achava muito bonito o modo de viver dos Ave de Jesus: "na pobreza e no sofrimento". O modo como os Ave de Jesus se vestem, cantam e sofrem fazem deles semelhantes e belos como Jesus; e, por isso, são objetos de compaixão e recebem esmolas dos romeiros e devotos do Padre Cícero. Ao que parece, o belo e o sofrimento estão associados na moral cristã e estão, também, talvez por isso mesmo, fortemente presentes em santuários de peregrinação. É interessante observar que a relação entre o belo e o religioso não é universal. Ruth Benedict (1960), em seu livro Padrões de Cultura, observa que entre os Pueblos, os Zuñi, as tribos da América do Sul e Sibéria não se faz uso das aptidões artísticas nas manifestações religiosas. Já Godelier (2001) aponta para o que para ele seria um traço universal nas culturas: a relação entre a estética e os sentimentos morais ligados aos objetos religiosos. Para este autor, os objetos religiosos não são belos em si mesmos, mas são tornados belos pelos significados que carregam. Se belos em si mesmos ou por seu valor moral, não há dúvida que a questão estética prevalece. Tais diferenças culturais tornam o fenômeno da confluência dessas duas dimensões, arte e religião, bastante intrigante quanto as suas conseqüências em termos da relação entre verdade e beleza, moral, estética e sociabilidade.

Observa-se que, entre os Ave de Jesus, a dimensão emocional religiosa é provocada, principalmente, por uma experiência estética, muito mais do que por uma intensa efervescência gerada pelos rituais. A exaltação emocional comumente encontrada em cultos religiosos pentecostais e afro-brasileiros é bem diferente do teor emocional nos rituais praticados pelos Ave de Jesus.

Entre os Ave de Jesus, o sofrimento deve ser enfrentado com paciência e a dor física serve para ensinar a resignação. Dessa forma, as emoções, ou pelo menos aquelas hipercognitizadas na etnopsicologia dos Ave de Jesus, não trazem transtornos ou desordem, mas controle e harmonia tanto ritual como socialmente. Quando cantam seus

benditos, contam um causo e histórias bíblicas, eles estão ensinando valores e sentimentos morais. Ou seja, quando os Ave de Jesus contam uma estória ou cantam um bendito estão, na verdade, pregando a importância do sofrimento, da misericórdia, da compaixão e do amor. A produção de sinais e imagens de dor e sofrimento é assim feita através do cuidado moral e estético do estilo da fala, da roupa, das cores, da música, dos causos contados e recontados. Os romeiros, de fato, através dos signos corporificados e performados pelos Ave de Jesus, são tomados por uma forte experiência estética. E, por isso, é recorrente afirmações sobre a beleza daquilo tudo que se vê e se sente no Juazeiro. Essa experiência emocional e estética se realiza conjuntamente com uma forte noção de plausibilidade e verdade. Isso é tão forte que as descrições dos fatos ocorridos, no Juazeiro, não são apenas verdadeiros, mas carregados de beleza. Isso se observou, por exemplo, em diversos depoimentos de romeiros sobre os milagres no Juazeiro. Ao terminar o depoimento, muitos romeiros retrucavam de volta para mim *"e então, não é bonito?"*.

Sofrimento e amor: "infinita é a boa vontade do Senhor que nos dá a dor e a fome para a nossa redenção"

"O destino é maior que a morte", diz o beato no filme de Rui Guerra, 'Os Fuzis'. A semelhança entre este beato e os Ave de Jesus é inequívoca. Rui Guerra e Gláuber Rocha foram alguns dos cineastas brasileiros que evocaram as imagens religiosas do sertanejo como interpretações do que seria ser brasileiro. Encontraram na religiosidade do sertanejo – o fanatismo e a espera messiânica – a fonte simbólica da psicologia e sociabilidade do brasileiro.

Não são apenas os Ave de Jesus, mas muitos outros sertanejos, que entendem o sofrimento como a vontade do Deus. Sofrimento que, no sertão, ganha uma forma tangível e material que é a seca[11]. Ao mesmo tempo, a seca – a perda da terra, migração para os centros urbanos, a humilhação e a dor – ganha contornos de uma imagem sagrada, torna-se a *via crucis* para muitos sertanejos que vêm as suas vidas transformadas na imagem da vida de Jesus. A seca é assim, ao mesmo tempo, um fenômeno materialmente tangível – a seca, o sol, sofrimento físico, etc. –, signo do sofrimento e uma história de redenção.

Se por um lado, entre os Ave de Jesus, a misericórdia e o sofrimento estão ligados à idéia de tristeza; por outro, não são contrários ou incompatíveis com a satisfação estética ou mesmo com a felicidade.

Enganam-se aqueles que pensam que os Ave de Jesus não sorriem ou não expressem contentamento. Sofrimento é para esses penitentes a mais alta expressão do amor de Deus e, portanto, a própria essência de uma vida espiritual verdadeira. Ainda, da idéia de que o sofrimento é positivo não decorre que todo sofrimento seja digno de compaixão ou que não se deve sorrir jamais.

Em verdade, é o excesso de alegria, de divertimento e felicidade que transforma o sorriso em gargalhada grotesca e, portanto, em algo moralmente condenável. Essa atitude severa e solene diante da vida parece ser parte do código moral mais geral da "cultura sertaneja" ou, pelo menos, daqueles sertanejos praticantes de uma religiosidade mais tradicional. De acordo com Euclides da Cunha (1979), Antônio Conselheiro costumava aconselhar seus seguidores a fazerem de suas vidas um purgatório e jamais ousarem a macular suas faces com um sorriso. Mestre José também nos aconselha:

> Meus queridos irmãos, o que vale para Deus é chorar, rezar e praticar aquilo que Ele fez para nos dar o caminho da salvação... Meus queridos irmãos, esta é a vida que chamamos vida de penitente. Quando Jesus viveu neste mundo, ele negociou? Fez negócio? (Não! Respondem os Ave de Jesus em coro). Nós negociamos? (Não!) Jesus quando viveu neste mundo acumulou comida? Fez casas boas? Teve água encanada? E sorrir e dar risada?

É curioso notar o fato de que não se encontram pinturas de Jesus ou fotos do Padre Cícero sorrindo ou dando risadas. Como Jesus e Padre Cícero – acreditados ser um e outro a mesma pessoa – são o modelo por excelência de comportamento e de modos de sentir para os Ave de Jesus, rir é então, por eles, considerado moralmente errado. Jacques Le Goff (1997) aponta para o fato de que do Cristianismo primitivo à Idade Média muitos foram os que indagaram se Jesus alguma vez dera uma risada em sua vida. Isto pode parecer estranho e até mesmo anedótico mas, como Le Goff salienta, a risada é um fenômeno cultural. Apesar da risada ser considerada uma característica distintiva dos seres humanos, ela vai torna-se estranha ao homem no Cristianismo (Le Goff 1997).[12]

Bryan Turner faz uma interessante observação quanto à relação entre o corpo que sofre e o seu significado dentro do catolicismo tradicional onde sofrimento físico e veracidade faziam parte do sacramento da penitência (Turner 1978, p. 228). Os Ave de Jesus, assim como

outros penitentes do Juazeiro do Norte, são bons exemplos da importância que o corpo tem, enquanto um instrumento simbólico e religioso, na produção e comunicação da verdade. Uma informante me contou um *'causo'* para que eu melhor entendesse o modo de vida deles; ou seja, a opção pelo sofrimento:

> Um dia um homem chegou para Padinho Cícero e disse: – meu Padinho, eu nunca senti uma dor. Padinho Cícero então respondeu: – oh, meu filho, você nunca ajudou Jesus a carregar a cruz.

Ao reproduzirem o sofrimento de Jesus, os Ave de Jesus estão expressando empatia e metaforicamente desempenhando o papel da Virgem Maria. A imagem de Maria que se compadece e consola o seu filho evoca misericórdia e amor. É esta imagem que dá nome à principal atividade do grupo, i.e., a mendicância, que é chamada por eles de 'Roça da Mãe de Deus'. Viver na penitência é, sobretudo viver pela misericórdia. É viver como eles dizem 'pelas mãos de Deus". Todo e qualquer alimento ganho na Roça da Mãe de Deus é uma colheita do amor cristão.

Sentir misericórdia implica o ato de julgar uma situação como dolorosa para alguém. Robert Solomon (Rorty 1980) observa que sentir vergonha requer o entendimento e o reconhecimento de uma situação como vergonhosa. Portanto, ele argumenta, nós sentimos e damos significados às nossas emoções através da referência a valores e crenças. Dessa forma, ao mudarmos a nossa interpretação sobre uma situação, mudamos, também, o que sentimos. Sentimos, então, misericórdia apenas naquelas situações socialmente reconhecidas como dignas e merecedoras de tal sentimento.

Certamente os Ave de Jesus têm seus próprios princípios para avaliar e julgar uma situação como merecedora de misericórdia. Tendo observado Mestre José pregar compaixão aos sofredores, assim como observado os Ave de Jesus praticarem a misericórdia e caridade com aqueles que batem às suas portas pedindo uma esmola, fiquei extremamente confusa e incomodada quando presenciei uma extrema indiferença dos Ave de Jesus em relação ao sofrimento de uma família de retirantes. Essa situação ocorreu durante um dos períodos de grande romaria à Juazeiro do Norte. Eu acompanhava os Ave de Jesus em romaria pelos sítios sagrados de Juazeiro. Depois do ritual em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, nós tomamos o caminho usual para a Igreja do Socorro onde os Ave de Jesus, novamente,

performam seus rituais em homenagem a Padre Cícero. Em toda a peregrinação os Ave de Jesus são ofertados com farinha, queijo de coalha, queijo de manteiga, pão, verduras, etc. As oferta são ainda maiores quando passam por meio a uma feira livre onde alguns feirantes sempre lhes dão um pouco daquilo que vendem. Dessa forma, quando chegam ao Socorro já têm consigo uma quantidade razoável de alimentos. Como todas as vezes, chegando ao Socorro, sentamo-nos à sombra de uma árvore para comer uma fruta, bolachas ou biscoitos e beber água antes de dar continuidade à peregrinação com a visita ao último lugar sagrado, a Igreja do Socorro onde jaz Padre Cícero. Estávamos, então, sentados à sombra de uma árvore e cada um comendo e dividindo com os outros o que se tinha para comer. Nesse momento, um homem pedia ao microfone às pessoas presentes que ajudassem um casal com uma criança de colo que estava passando fome. O casal chorava, não sei se de fome ou humilhação. Triste visão de dois adultos emagrecidos pelo sofrimento e de uma criança no colo da mãe a choramingar. O choro do pai confundia-se com do(a) filho(a). O homem ao microfone contava uma estória de flagelo: o casal havia deixado o seu pedaço de chão para traz por causa da seca. Nada disso pareceu tocar o coração dos Ave de Jesus. Nenhum sinal de compadecimento. Só mais tarde pude compreender a reação de indiferença dos Ave de Jesus a uma situação de sofrimento que tanto havia me impressionado.

A maneira com que aquela família expressava sofrimento, na visão dos Ave de Jesus, não era apropriada. Primeiramente, eles não pediam misericórdia em nome de Deus, mas em nome do sofrimento em si mesmo. Também não enfrentavam o sofrimento com paciência, mas, ao contrário, transmitiam por microfone a toda população de Juazeiro o seu descontentamento. Portanto, para os Ave de Jesus, aquela família não tinha a compreensão do que é o amor de Deus, ou seja, a misericórdia.

Certamente para os Ave de Jesus, o casal de retirantes não mostrava compreender o amor de Deus através do sofrimento por que passavam. Como já afirmei anteriormente, existem diferentes formas culturais de apropriação do sofrimento. Cada comunidade, através de suas instituições, elaboram diferentes modos de sofrimento que, por sua vez, são representados culturalmente. Através dessas representações culturais, o sofrimento é moldado e vivenciado de modo particular (Kleinman & Kleinman 1997). Para compreender por que o sofrimento do casal não foi considerado como merecedor de miseri-

córdia é necessário levar em consideração os aspectos performativos da linguagem que estrutura a situação. Para melhor compreender esses aspectos, ente os Ave de Jesus, conto mais uma passagem.

Em uma de muitas conversas que tive com comadre Valdenice, ela me contou que um dos Ave de Jesus não usava as vestes próprias para os rituais pois ele se recusava sair em mendicância. Não ter o direito de vestir as veste dos rituais é marca de um forte desprestígio no grupo. Perguntei, então, por que ele não saía para mendigar. Ela me respondeu:

> Ah, minha filha, você acredita que é fácil sair por aí pedindo, escutando tudo quanto é coisa por que as pessoas não entendem nosso trabalho? Ah, não é qualquer um que passa por essa humilhação, que quer viver da Roça da Mãe de Deus não... Compadre José não quer se humilhar. Então nem ele nem a mulher têm as veste.

Entre os Ave de Jesus, humildade, misericórdia e pesar são os sentimentos (emoções) hipercognitivizados. Ou seja, são as emoções culturalmente enfatizadas. Durkheim, em as Formas Elementares de Vida Religiosa, aponta para a obrigação de se expressar pesar em ritos piaculares. Eu argumento que a expressão de certos sentimentos é de fundamental importância na socialização dos indivíduos. Afinal a socialização de um indivíduo não depende unicamente de sua capacidade de criar uma vasta rede de relações sociais, mas também, e, até mesmo, para construir esta vasta rede, ele depende de sua capacidade e conhecimento sobre como expressar e que emoções expressar em situações particulares. Com base nessas idéias, eu afirmo que o modo de vida dos Ave de Jesus vai além da deprivação material voluntária e sofrimento físico. Ser um Ave de Jesus requer a obrigação de vivenciar, expressar e manifestar emoções particulares que são consideradas apropriadas a sua forma de existir no mundo.

Como eu já apontei anteriormente, Nelson Goodman argumenta que a função simbólica não está restrita à representação e expressão. O símbolo também exemplifica padrões e formas. Quando os Ave de Jesus performam imagens bíblicas através da mendicância, eles estão fornecendo um modelo de pensamento, de ação e de sentir (humilhação, compaixão). Dessa forma, a mensagem religiosa é por eles não só transmitida através de palavras mas, também, através de imagens e de emoções. Seguindo a idéia da emoção como *'emobodied*

thought' de Michele Rosaldo (1993)- idéia ou pensamento corporificado-, eu sugiro que é principalmente através da manifestação das emoções e imagens bíblicas que o código moral e visão de mundo dos Ave de Jesus são comunicados. Os Ave de Jesus usam o corpo para expressar e comunicar pesar, compaixão, sofrimento e beleza. A ritualização de imagens bíblicas, entre os Ave de Jesus, comunicam um código moral onde beleza e verdade estão juntas. Dessa forma, eles fazem de seus corpos um instrumento de produção de plausibilidade. E é através da ritualização e performace de imagens e sentimentos que uma 'estética-moral' invade e permeia a vida cotidiana desses católicos.[13]

Considerações finais

Não é necessário andar muito pelas ruas do Juazeiro para encontrar um romeiro, um devoto do Padre Cícero que contará uma história de devoção e que com intensa comoção encherá os olhos de lágrimas ao dar detalhes de sua estória. Apesar das lágrimas, as estórias contadas não são sobre infelicidade. São lágrimas de um certo teor de tristeza sim, mas de amor e misericórdia também. Portanto, entender o significado do sofrimento para essa gente é uma importante pista para se chegar ao código moral que fornece a base de uma sociabilidade construída na pobreza e fraternidade.

Não apenas a linguagem dos Ave de Jesus é infundida por imagens bíblicas mas a própria prática social deles é uma produção de imagens bíblicas e performance de emoções. Os nomes, as cores e o corpo são exaustivamente usados nesta empreitada. Até mesmo os causos e os benditos é uma coleção de imagens que ganham realidade através de palavras e sons. Responder o porquê dos Ave de Jesus darem tanta importância à performance de imagens, dizendo que é um dado cultural, não me parece que esclareça coisa nenhuma. Entretanto, perguntar o porquê talvez não seja a pergunta correta. A importância da performance e ritualização de imagens talvez resida no papel que essas imagens têm na organização da vida social dos Ave de Jesus. Neste artigo eu tentei fornecer uma interpretação de como os Ave de Jesus realizam e descrevem essas imagens, assim como uma compreensão dos significados e teor afetivo atrelados as essas imagens.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, J. C. 1970. *The caldeirão movement: a case study in Brazilian Messianism 1926-1938.* PhD. These, The George Washington University.

BARROS, L. O. 1988. *A terra da Mãe de Deus.* Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BENEDICT, R. 1960. *Patterns of culture.* New York: Mentor Book.

DELLA CAVA, R. *Miracle at Juazeiro.* New York & London: Columbia University Press, 1970.

FOUCAULT, M. 1987. *The use of pleasure, the history of sexuality,* v 2. Midlesex: Penguin Book.

GOODMAN, N. 1978. *Ways of worldmaking.* Sussex: The Harvester Press.

GODELIER, M. 2001. *O enigma do dom.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

KLEINMAN, A. & DAS, V. & LOCK, M. 1997. *Social suffering.* Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press.

LEITÃO, C. 1997. *Por uma ética da estética.* Fortaleza: UECE.

LE GOFF, J. 1997. *Laughter in the middle ages.* In: Bremer& Rooddenberg(eds). A cultural history of humour. California: Polity Press.

NEGRÃO, L. N. 2000. *Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro.* XXIV Encontro Anual da ANPOCS, mimeo.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. 1965. *O messianismo no Brasil e no mundo.* São Paulo: Dominus-EDUSP.

ROSALDO, M. 1980. *Knowledge and passion: ilongot notions of self & social life.* Cambridge: Cambridge University Press.

SLATER, C. 1986.*Trail of miracles.* Berkeley: University of California Press.

SOLOMON, R. 1984. "Emotions and Choice". In: A Rorty (ed). *Explaining emotions.* Berkeley: University of California Press.

TURNER, B. 1987. Rationalization of the body: reflections on modernity and discipline. In: Whimster & Lash (eds). *Max Weber, rationality and Modernity.* London: Allen and Unwin.

Notas

[1] Minha tese de doutorado pela University of St. Andrews , *"When Sadness is Beautiful": a study of the place of rationality and emotions within the social life of the Ave de Jesus,* trata do papel das emoções na constituição da verdade e da sociabilidade de um grupo de penitentes do Juazeiro do Norte-CE.

[2] Os Ave de Jesus, na época do meu trabalho de campo, era formado por 22 membros. Os Ave de Jesus já foram em número maior, mas continua se destacando do ponto de vista sociológico por estarem organizados em uma comunidade. Ao contrário dos demais grupos no Juazeiro, os Ave de Jesus compartilham um modo de vida (produção, circulação, crenças, rituais, etc.) e não apenas rituais e crenças.

[3] Quando me refiro a imagens, tenho em mente tanto as imagens de barro, gesso e madeira que representam as divindades católicas como as imagens 'abstratas' contidas no texto bíblico. Imagens essas derivadas da leitura e escuta das passagens bíblicas, dos causos contados e benditos cantados.

[4] Aqueles que pertencem ao grupo Ave de Jesus são "batizados na cruz" – em alusão à penitência – com os nomes Maria e José.

[5] Percebe-se aqui que o humor não está ausente numa situação de tão forte ascetismo e austeridade.

[6] Estórias que relatam eventos extraordinários, também ditas 'passagens'. Apesar de contadas como entretenimento, essas estórias carregam consigo ensinamentos moral e valor de verdade. A sua plausibilidade se constrói entre a meio caminho da lenda e da verdade.

[7] Uso 'exemplificar' aqui no sentido dado por Nelson Goodman (1978). Para Goodman o símbolo além de representar e expressar uma idéia, sentimento, etc. também exemplifica padrões e formas.

[8] "Roça da Mãe de Deus" é como os Ave de Jesus chamam a mendicância por eles praticada.

[9] Mestre José faleceu no início do ano 2000. Curiosamente quando ele acreditava que o mundo se acabaria. Ao que parece, Mestre José teve o mesmo fim de Don Quixote em face à desilusão.

[10] Gomes, A. M. (1995) em sua tese de mestrado pelo programa de pós-graduação em sociologia pela UFPE questiona as causas da conformidade dos sertanejos em relação ao fenômeno da seca. Ele encontra entre os sertanejos a religião como a principal fonte simbólica que dá sentido a essa realidade adversa.

[11] É também observado na cultura sertaneja, mais precisamente, nos rituais profanos do calendário religioso local, a mistura do burlesco, do humor com a moralidade cristã (ver Leitão, 1997). A solenidade do rituais formais e da moralidade entra num jogo lúdico quando expressas nos rituais profanos.

[12] Ver em Leitão, C. (1997) a discussão sobre a relação entre estética e ética no sertão.